



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

FEMINILIDADE E MATERNIDADE: EXPERIÊNCIAS DO PARTO ENQUANTO QUESTÃO DE RESSIGNIFICAÇÃO SOBRE AS POSIÇÕES MULHER E MÃE

Flávia Angelo Verceze
verceze flavia@gmail.com
Sílvia Nogueira Cordeiro
Silvianc2000@gmail.com

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como instrumento de investigação o método clínico-qualitativo segundo a proposta de Turato (2003). Tal método se funda na atitude clínica e é voltado aos fenômenos de saúde-doença. Este recorte tem objetivo discutir como o fenômeno do parto pode se configurar como uma experiência transformadora na concepção de feminilidade e maternidade para a mulher, repercutindo em suas posições de mãe e mulher. Para tanto, recorreu-se à análise de três entrevistas com mulheres que passaram pela experiência de um parto natural. Esta se fez segundo um referencial psicanalítico que apresenta a noção de uma feminilidade e uma maternidade desnaturalizada, isto é, são entendidas como posições, não equivalentes, assumidas por cada mulher.

Palavras-chave: parto; feminilidade; maternidade.

Introdução

A feminilidade e a maternidade sempre apareceram próximas ou praticamente equivalentes na teoria psicanalítica freudiana. Pois, para Freud (1924/1996) a primazia fálica é organizadora da sexualidade feminina à medida que será pelo desejo de ter um falo que se processará o acesso à feminilidade. Porém, isso só acontece segundo Freud (1924/1996), se o desejo por ter um falo for substituído pelo desejo de ter um filho do pai, que marca o início do Complexo de Édipo na menina. Nesse sentido, percebe-se que neste período para Freud o acesso à feminilidade ainda é muito ligado à questão reprodutiva – a possibilidade de gerar um filho, associando a posição da mulher à posição de mãe. Entretanto, segundo André (1998), quando Freud postula a questão “o que quer a mulher?” é como se apontasse que o desejo feminino vai além do ter o falo, há um algo a mais.

Lacan retoma o pensamento presente em Freud que vê a castração como um conceito estruturante da subjetividade. Porém, Lacan passa a definir a sexualidade



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

não mais pela primazia da formação genital, mas sim pelo gozo. É o gozo que determinará uma posição sexual baseada na masculinidade ou na feminilidade. Assim, Lacan tratará de reconhecer que as mulheres não se submetem, totalmente, à ordem fálica, indicando uma forma de sair do impasse causado pela formulação de Freud da inveja do pênis pela mulher. Isto é, para Lacan não se trata propriamente da falta de um órgão e sim da falta de um símbolo específico da sexualidade feminina, como o falo é para o homem. E por essa condição, a cada mulher é imposta a tarefa de criar a sua maneira de ser, à medida que é não toda fálica (Teixeira, 1991).

Feminilidade não se confunde com a mulher. “A psicanálise remete à feminilidade não como um atributo da fêmea da espécie, mas sim como uma posição assumida frente à falta e à castração: daí que um macho da espécie possa assumir a posição feminina” (Pacheco, 2017, p. 15). Portanto, a partir da teoria lacaniana as posições de mulher e mãe não são mais consideradas equivalentes e, feminilidade se distingue de maternidade, apesar de poderem se articular. Com isso a maternidade é desnaturalizada, isto é, ser mãe não é definido apenas pela natureza, pelo biológico e/ou instinto. A construção do feminino e do materno faz parte da cultura, isto é, alguém se torna mulher ou mãe no interior dos mitos criados pelo imaginário social e cultural. Estes “mitos” – cristalizações de significantes – agem como organizadores de sentido do agir, do pensar e do sentir dos indivíduos. São narrativas que se repetem nos discursos médicos, religiosos, jurídicos, midiáticos e até mesmo dentro da psicologia, estabelecendo uma valoração e uma desvaloração, criam-se subjetividades (Alonso, 2015). É neste sentido, que o presente trabalho tem como objetivo discutir como o fenômeno do parto pode se configurar como uma experiência transformadora na concepção de feminilidade e maternidade para a mulher, repercutindo em suas posições de mãe e mulher.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que tem como instrumento de investigação o método clínico-qualitativo segundo a proposta de Turato (2003). A coleta de dados foi realizada segundo a técnica de



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

amostragem por bola-de-neve, e as entrevistas foram semidirigidas de questões abertas. Os dados têm sido analisados através da técnica de análise conteúdo. Para o presente trabalho foram selecionadas três entrevistas realizadas com mulheres que passaram pela experiência de um parto natural, que compõem uma das categorias levantadas na pesquisa. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética em pesquisa da Universidade Estadual de Londrina – CAAE 81123817.5.0000.5231, com parecer nº 2.481.235.

Resultados e Discussão

A análise destas três entrevistas em questão indicou que, na perspectiva das entrevistadas, o parto natural se configurou como uma experiência transformadora em suas concepções de feminilidade e maternidade. Observou-se em suas falas a repetição de palavras como “transformação, realização, empoderamento, superação e divisor de águas” para nomear suas experiências de parto. Também foi possível constatar que as entrevistadas se referiam à experiência do parto natural como um processo que possibilitou o surgimento de uma mulher forte, que tem uma maior ligação com seu corpo e com sua sexualidade, transformação essa que repercutiu em outras esferas de suas vidas, como conjugal, familiar e do trabalho. As falas apontaram para uma sensação de transformação subjetiva das mulheres, que passaram a não se ver mais como frágeis, mas através de sentimento de força e poder. Como pode ser observado nas falas abaixo:

O empoderamento que me trouxe, divido assim: sou uma mulher antes e uma mulher depois do parto, muito mais forte, mais guerreira, mais decidida, mais segura de quem eu sou e de que eu posso fazer tudo que eu quiser fazer de verdade, de coração (entrevistada A).

Os partos me deram uma coragem pra eu me tornar a mulher que hoje eu sou, que com certeza eu não teria tido se não tivesse sido daquele jeito. Me deu isso de “eu posso, eu consigo, eu consigo o que eu quiser fazer (entrevistada B).

A respeito disso, Tornquist (2004) vai se referir ao parto como um evento simbólico, isto é, só pode ser entendido como um fenômeno produzido pela cultura e, portanto histórico. Noção que parte da ideia de que o ser humano é uma espécie animal que produz cultura, e que esta confere distintos significados a fenômenos,



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

aparentemente universais. Neste sentido, o parto não é entendido apenas como um evento biológico, mas um fenômeno que assinala mudanças corporais, familiares, sociais e inclusive subjetivas. Neste sentido, não se faz mais possível pensar o parto e conseqüentemente a maternidade segundo uma naturalização, ligada apenas ao biológico. Pois é o registro simbólico – a linguagem – que dá à dimensão existencial humana suas particularidades, isto é, o sujeito é produto de uma operação de linguagem (Pacheco, 2017).

Ainda outro aspecto observado nas falas das entrevistadas foi a sensação de se sentirem mulher depois da experiência do parto e da maternidade, como pode ser observado na fala abaixo:

Foi uma transformação, eu sou totalmente diferente depois. É muito gratificante, parece que a gente dá um pulo pra maturidade, pra evolução, agora eu sou adulta, mulher, hoje eu me sinto mulher e foi pelos partos e por ser mãe também... Acho que eu já vinha em processo pra aquilo acontecer, mas de fato foram modificações muito importantes, eu sou outra mulher, alias agora eu sou uma mulher, agora eu me sinto mulher, foi bom (entrevistada C).

Com isso, pode-se refletir sobre a questão apontada por Alonso (2015), sobre o “mito da mulher mãe”, em que se inverte a situação do para ser mãe é preciso ser mulher, para ser mulher é preciso ser mãe, colando o feminino ao materno. Aparece aqui uma confusão entre as posições de mulher e mãe que é sustentada em sua fantasia e se presentifica em seu discurso. A respeito disso, Alonso (2015) aponta para a questão dos mitos criados pelo imaginário social e cultural, que agem como organizadores de sentido do agir, do pensar e do sentir dos indivíduos, criando-se subjetividades. Portanto, não se pode ignorar que a construção do feminino e do materno faz parte da cultura, e é neste sentido, que é preciso um cuidado a analisar tais falas, pois ao mesmo tempo em que podem abrir uma possibilidade para pensar uma feminilidade em sua singularidade, também apresentam elementos de criações culturais de um determinado momento histórico que se apresentam ao social através de uma ilusão de naturalidade e atemporalidade (Alonso, 2015).

Conclusões

Diante dos aspetos apresentados e analisados acima pode se observar que o ato de parir se configurou para essas mulheres como uma experiência



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

transformadora em suas concepções sobre o que é ser mulher e mãe, indicando para a possibilidade de ter havido uma transformação subjetiva em relação à feminilidade, que repercutiu em outras áreas de suas vidas. Além disso, pode-se perceber também que a experiência do parto natural e da maternidade se apresenta para esse grupo de mulheres como uma questão de resignificação do que é ser mulher, ligando o feminino ao materno. Como já apontado anteriormente, muitos desses significados são encontrados nos discursos que circulam no social e afetam a constituição das subjetividades. Neste sentido, pode-se concluir a importância de se atentar para os discursos em circulação no social e como estes afetam a questão da feminilidade e da maternidade, visto não ser possível mais sustentar uma concepção naturalística dessas posições, isto é, ser mulher e mãe é uma construção permeada pela cultura e a história de cada sujeito.

Referências

- Alonso, S. L. (2015). Interrogando o feminino. In Ferraz, F. C. (Org). *O tempo, a escuta, o feminino: reflexões*. 2ª Edição. Coleção Clínica Psicanalítica. Casa do psicólogo: São Paulo, p. 298-320.
- André, S. (1998). *O que quer uma mulher*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1924/1996). A dissolução do Complexo de Édipo. *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (v. XIX, p. 173-183). Rio de Janeiro: Imago.
- Pacheco, A. L. P. (2017). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. São Paulo: Agente Publicações.
- Teixeira, M. (1991). *A feminilidade na psicanálise e outros ensaios*. Salvador: Álgama.
- Tornquist, C. S. (2004). *Parto e Poder: o movimento de humanização do parto no Brasil*. Tese (Doutorado). PPGAS-UFSC, Florianópolis.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes.